

A hermenêutica como perspectiva metodológica para a leitura, análise e compreensão da literatura infantil e juvenil

Sirlene Cristófano

Doutoranda em Estudos de Literaturas e Culturas Românicas

Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP.

Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar

Cultura, Espaço e Memória (CITCEM).

Email: sirlene.cristofano@gmail.com

RESUMO: O artigo pretende conceituar Hermenêutica e mostrar como alguns filósofos nos orientam sobre o sentido, a interpretação e compreensão de qualquer texto literário; tem por objetivo apresentar a literatura infanto-juvenil e sua importância para a construção de novas ideias, nova visão de mundo e abordar a Hermenêutica de Paul Ricoeur como base metodológica para a análise e compreensão deste tipo de literatura na escola.

Palavras-chave: Hermenêutica; Literatura; Educação.

ABSTRAT: *We will try to conceptualize Hermeutic and to show how some philosophers orientate us on the sense of interpretation and understanding of any text; we will present the children's literature and their importance for the construction of new ideas and also we will board the Hermeutic of the Paul Ricoeur like methodical base for the analysis and understanding of this type of literature in the school.*

Keywords: *Hermeutic; Childish Literature; Education.*



A hermenêutica como perspectiva metodológica para a leitura, análise e compreensão da literatura infantil e juvenil

INTRODUÇÃO

Ao considerarmos Hermenêutica como teoria ou método de interpretação, tendo em vista a compreensão de textos e que como tradução é a compatibilização entre códigos, de maneira a revelar seus sentidos, levantaremos duas questões fundamentais para o ensino no que diz respeito à leitura de textos literários na escola: Haveria um método apropriado no que tange a despertar o gosto e interesse pela leitura e a formar pequenos leitores, proporcionando-lhes o enobrecimento do seu universo interior e conseqüentemente, o alargamento de suas vivências e de seus conhecimentos? Haveria uma forma do pequeno leitor aproximar-se do livro infantil não apenas por obrigatoriedade e dever destinados ao aprendizado da Língua Portuguesa entre outras disciplinas, mas sim para extrair momentos de prazer e descobertas sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca?

Ao refletirmos sobre a prática de leitura, observa-se que muitos docentes ao dar aos alunos a oportunidades de leituras uma obra possível de identificação, pecam ao relacioná-la a ações de releitura limitantes, fechadas no sentido latente do texto.

Este fator acarreta alguns problemas, por demonstrar a falta de interesse pela atividade de leitura e diante disto, as alternativas propostas para solucionar esses problemas não produzem resultados.

Todo pacto de leitura literária, depende do despertar da curiosidade, do encantamento e do prazer. A contemplação da literatura resulta da satisfação em desvendá-la que só é ativada pelo sujeito que lê a partir da sua identificação com o texto. Ao tratarmos da leitura da literatura infantil, tal identificação do leitor mirim, decorre do respeito, por parte do escritor, à natureza ímpar do pequeno leitor. Para que este se identifique, se evolva e interaja com a

história, essa tem que estar adequada aos seus interesses.

No que tange ao oferecimento e ao trabalho com o livro infantil em sala de aula, a simetria entre o escritor e o leitor é quase sempre esquecida pelas escolas. Mesmo que o professor proporcione ao leitor o acesso à obra de possível identificação, prazerosa e emancipatória, comete o engano ao relacioná-la ao processo de releituras fechadas no sentido latente do texto e, assim, afastando a obra do contentamento, aproximando-a da obrigatoriedade e dever, privando o leitor da oportunidade de descobrir o verdadeiro prazer da leitura.

Frente a estas constatações e ao compreendermos que a Hermenêutica é a teoria das operações em sua relação com a interpretação de textos, apresentaremos brevemente alguns princípios de Hermenêutica, segundo alguns filósofos e também um método de ensino de leitura da literatura infantil, o qual se baseia na hermenêutica de Paul Ricoeur, relacionada à cognição infantil e exploração do imaginário. De acordo com Paul Ricoeur, o leitor, para obter o prazer da leitura, necessita ter a capacidade para interpretá-la. Nesse sentido, a hermenêutica defendida por Paul Ricoeur é a melhor maneira de despertar a leitura e neste caso tratado, a leitura infantil. Para o referido autor, a leitura deve ser condicionada não somente pelo leitor mirim, mas também pela literalidade da obra, de modo a garantir a participação do pequeno leitor no momento da leitura.

Abordaremos aqui a questão da leitura na escola, considerando-a como uma prática do texto literário condizente com a concepção que se tem de literatura infantil, por meio da exploração e imaginário do ludismo, como instaurador de uma relação saudável entre o leitor e a obra, despertando-se assim, o gosto pela leitura.



Sirlene Cristófano

DESENVOLVIMENTO

1 - Compreendendo e interpretando as fases da Hermenêutica

De acordo com Richard Palmer, a etimologia da palavra “hermenêutica” remete ao grego *hermeneuein*, “interpretar”, ou *hermeneia*, “interpretação”. A palavra também é associada a Hermes, o deus grego mensageiro, cuja função é “transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender” e a quem “os Gregos atribuíram a descoberta da linguagem e da escrita” (PALMER, 1969: 23).

Em seu significado técnico, hermenêutica se explica como a ciência e a arte de interpretação bíblica que, a partir da Idade Média, se fundamenta na distinção de quatro níveis de significação, cuja exegese deve possibilitar aos fiéis aceder a uma verdadeira compreensão da mensagem divina: os sentidos lateral, alegórico, tropológico e anagógicos. Esta interpretação foi entendida diversamente através dos tempos. Por isso, temos três tipos de exegese: rabínica, protestante e católica.

Considera-se a hermenêutica como ciência porque ela tem normas, ou regras, e essas podem ser identificadas num sistema ordenado. É considerada como arte porque a comunicação é flexível, e, portanto, uma aplicação mecânica e rígida das regras poderá alterar o verdadeiro sentido de uma comunicação.

Portanto, de uma teoria da exegese bíblica, uma possibilidade de o leitor encontrar um sentido oculto no texto, passou a ser uma metodologia filológica, isto é, uma técnica de leitura, orientada para a compreensão das obras de Homero, da Antiguidade clássica e dos textos bíblicos e buscando compreender o texto a partir de um contexto histórico. Assim, podemos dizer que a Hermenêutica passou a

ser vista como uma ciência da compreensão linguística.

Segundo Ricoeur, são basicamente duas as teorias hermenêuticas antecedentes: a filológica e a exegese bíblica. Ambas, delimitam-se no essencial a um aglomerado de regras que facultam realizar a interpretação em conformidade com o conteúdo e a forma de proceder dentro da circunscrição de cada área. A teoria filológica diz respeito à interpretação dos textos clássicos da antiguidade. A exegese, por sua vez, está concentrada especificamente aos textos sagrados do antigo e do novo testamento. Até então, não se assimilava, pela restrição que os textos bíblicos recebiam da inspiração divina, a perspectiva da construção de um aparato teórico capaz de interpretar qualquer texto como um texto qualquer, seja sagrado ou profano.

O teólogo protestante Friedrich Schleiermacher (1768-1834) trouxe, no início do século XIX, como questão central da Hermenêutica, a “compreensão”. A hermenêutica passa a apontar todo o campo da expressão humana. A atenção está não apenas para o texto, mas para o seu autor. Ou seja, ler um texto, é entender-se com um autor e esforçar-se por reencontrar a sua intenção, é procurar compreender um espírito por intermédio da descodificação das obras nas quais ele se exprimiu. A Hermenêutica passou, então, a ser a arte de compreender, sendo assim, abrange duas etapas: compreensão do discurso em sua relação com a língua e compreensão do sujeito o qual produziu este discurso.

Antes de Schleiermacher, a Hermenêutica era uma filologia de textos clássicos, basicamente método:

O verdadeiro movimento de desregionalização começa com o esforço para se extrair um problema geral da atividade

A hermenêutica como perspectiva metodológica para a leitura, análise e compreensão da literatura infantil e juvenil

de interpretação, cada vez engajadas em textos diferentes o discernimento dessa problemática central e unitária deve-se à obra de F. Schleiermacher (RICOEUR, 1988: 20).

Segundo Ricoeur, é Schleiermacher quem inicia e realiza o projeto de uma hermenêutica geral (universal). Schleiermacher busca alicerçar a hermenêutica, de modo que possa localizar-se ou ser aplicada em qualquer obra. Conforme alguns pesquisadores de Schleiermacher, neste projeto, situa-se o caráter original de uma hermenêutica filosófica, contrariando-se aos que reduzem a uma hermenêutica exclusivamente técnica. Ainda que, ela também tenha uma preocupação essencialmente técnica, de resolver o problema da interpretação e da compreensão, Ricoeur afirma que não o é exclusivamente, pois Schleiermacher fundamenta a hermenêutica num aspecto propriamente filosófico. Ele, Schleiermacher (1999), fundamenta seu projeto, perguntando não apenas como se interpreta tal ou tal texto, mas, o que significa de modo geral interpretar e compreender, isto é, pergunta pelas circunstâncias de possibilidade e/ou pelo “como” das eficácias da interpretação.

Esta forma de fundamentar, com o desejo de fundar uma hermenêutica geral, é o grande feito do hermeneuta alemão, efetivando a deslocalização da hermenêutica da área de saberes distintos e restritos, e tornada equivalente a uma ciência que contenha os princípios fundamentais para toda e qualquer interpretação:

O verdadeiro movimento de desregionalização começa com o esforço para se extrair um problema geral da atividade de interpretação, cada vez engajadas em textos diferentes o discernimento dessa problemática central e unitária deve-se à obra de F. Schleiermacher. (RICOEUR, 1988: 20)

O desenvolvimento da hermenêutica que antecede Schleiermacher constitui um campo de teorias diferentes, em concordância com a diversidade textual indagadora de interpretação. Foram expoentes e precursores de Schleiermacher, entre outros, Friedrich Ast e August Wolf. Estes compreendem a hermenêutica como “teorias especiais” (específicas), uma teoria para a poesia, para textos bíblicos, etc. Para estas, de fato, cabe a individualização de uma hermenêutica essencialmente técnica, ou seja, fundamentada pela elaboração de regras para o exercício da interpretação em sua respectiva área de saber.

É, entretanto, com a obra do filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) que a hermenêutica alcança o regulamento de um método de conhecimento especialmente apto para dar conta do facto humano, inflexível em si mesmo aos fenômenos naturais. Dilthey buscou a ampliação da Hermenêutica, associando-a à visão histórica e tomando-a como auxiliar na compreensão da vida, ou seja, o texto a interpretar é a própria realidade humana no seu desenvolvimento histórico. Este pensador insere com efeito uma evidência: Se nos é possível compreender o outro, é porque temos a oportunidade de imaginar a sua vida interior a partir da nossa, por uma transferência analógica.

Dilthey passou a encarar a compreensão como referência às objetivações da vida, à medida que o sujeito vive em sua dimensão histórica. Seguia-se a Hermenêutica como base para as disciplinas cujo objeto era a compreensão da arte, do comportamento e da escrita humana e seu pressuposto não era a compreensão do discurso em sua reação com a língua, mas em sua relação com a vida.

Portanto, toda manifestação da vida possui um significado que é expresso em forma de



Sirlene Cristófano

signo, ou seja, a própria vida só existe em si mesma. A compreensão é um tipo particular de explicação relativa à ação humana e que não se encontra “acima” nem independe do nível causal:

[...] a noção de compreensão aplica-se exclusivamente [...] à operação de projecção através da qual o ator analisa o comportamento, a atitude ou os aptos de um outro indivíduo. Neste sentido, a compreensão é sempre compreensão do actor individual. Uma ação individual pode ser compreendida; um comportamento coletivo deve ser explicado (BOUDON, 1989: 243).

Mais tarde, Martin Heidegger (1889-1976) propôs uma Hermenêutica como fenomenologia que constituiu-se em explicação fenomenológica da própria existência humana, afirmando que “a Compreensão e a Hermenêutica são formas sábias da consciência filosófica para acesso ao mundo” (apud Stein, 1996: 240). Indicou que a compreensão e a interpretação são modos fundantes da existência humana. Compreender é ser. Heidegger escreve uma obra, *Ser e Tempo* (1964), onde a compreensão hermenêutica aparece ligada à exigência urgente de uma reposição da questão do sentido do ser.

A palavra *eksistência*, não obstante, provém do verbo latino *existere*, cuja acepção literal é “dar um passo à frente, para fora”.

Heidegger readquire o seu sentido primordial expresso no prefixo grego *ek*, equivalente ao *ex* latino para acentuar o caráter dinâmico do ser da presença, bem como para comprovar a abertura deste ente privilegiado cuja natureza é a de persistir, estendendo-se para fora de si. Assim, *eksistência* significa transcendência na acepção de um ultrapassamento em direção ao mundo e às oportunidades de ser da presença

em um movimento espaço-temporal que lhe é próprio, o qual não se dá como um modo de atuação entre outros, mas “como constituição fundamental deste ente, que acontece antes de qualquer comportamento”. (HEIDEGGER, 1966: 104). Da mesma forma, ao homem ser, o homem se compreende. O pensamento de Martin Heidegger, na sua obra *Ser e Tempo* (1964), possibilitou-nos um esclarecimento a respeito dessa questão, orientando o nosso olhar nesta empreitada.

Surgiu assim, a Hermêutica da existência, que propôs o círculo hermenêutico: o homem, como ser do mundo, vislumbra metacompreensivamente este mundo, ao perguntar sobre o sentido e as possibilidades do ser como elementos que o situam no contexto, no mundo.

O filósofo alemão Hans Georg Gadamer (nascido em 1900) associou-se a Heidegger e propôs uma relação entre a Hermenêutica, a estética e a filosofia. Centra-se na discussão de que o método não é a única forma de se chegar a uma descoberta.

Gadamer mostra, em *Verdade e Método* (1960), que a interpretação, antes de ser um método, é a expressão de uma condição do homem: o intérprete que aborda uma obra está já determinado no horizonte aberto pela obra é o “círculo hermenêutico”. A interpretação é antes de mais a explicação da relação que o intérprete estabelece com a tradição de que provém.

Portanto *Verdade e Método* fala sobre de um acontecer da verdade no qual já sempre estamos tomados pela tradição. Gadamer vê a possibilidade de explicitar fatologicamente esse acontecer em três esferas da tradição: o acontecer na obra de arte, o acontecer na história e o acontecer na linguagem. A hermenêutica que cuida dessa verdade não se sujeita a regras metódicas das ciências humanas, por

A hermenêutica como perspectiva metodológica para a leitura, análise e compreensão da literatura infantil e juvenil

isso ela é chamada de hermenêutica filosófica. É desse modo que Gadamer estrea um lugar para a atividade da razão, fora das disciplinas da filosofia clássica e num contexto em que a metafísica foi solucionada.

Para Gadamer, a Hermenêutica deve dar conta da possibilidade de compreensão das ciências do espírito e, para isto, a tarefa da filosofia deve fundamentá-la a partir da própria finitude humana em seu contexto existencial de comunicação. Para Gadamer, a compreensão tem um carácter produtivo e não meramente reprodutivo:

O sentido de um texto ultrapassa o seu autor não apenas ocasionalmente, mas sempre. Por isso, a compreensão não é apenas um comportamento reprodutivo, mas sempre, também um comportamento produtivo. Compreende-se de modo diferente, quando se compreende efectivamente (GADAMER, 1999: 301-302).

Stein (1996) apresentou um contraponto afirmando que na arte, na história, na linguagem as experiências produzidas não são de carácter lógico-semântico, porque “além de seres biológicos, somos no mundo compreensão [...] e as ciências adquirem suas ciências no mundo, em relações aos limites das ciências naturais [...]” (STEIN, 1996: 241). Stein afirma que Gadamer estabeleceu bases sólidas para uma “Hermenêutica filosófica”. Gadamer defende que a Hermenêutica também aponta para sua limitação existencial, mostrando que todo conhecimento é uma (re)interpretação da tradição.

Chega-se à contribuição de Paul Ricoeur (1988), filósofo ligado à fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty, à filosofia existencial de Jaspers e G. Marcel e também ao personalismo de Mounier. Sua Hermenêutica baseia-se na descoberta do “mundo da obra”,

modelos literários não só como uma reprodução, mas como um questionamento ao “mundo real”, sendo assim a arte surge como desvelação da própria realidade.

Paul Ricoeur defende que esta idéia deve ser assumida somente após a crítica ideológica. A arte e a literatura não revelam o real de forma imediata, mas mediatizadas pela crítica. Para Ricoeur, a Hermenêutica tem a tarefa de interpretar e explicar sentidos que foram produzidos através da linguagem. É preciso pressupor que qualquer discurso é uma forma de texto, por isto pode ser interpretado. Portanto, este pensador apresentou a Hermenêutica como um sistema de “interpretação”.

Para Ricoeur, todo e qualquer texto deixa se interpretar, assim também como compreender através da interpretação um mundo possível. A interpretação recebe um novo sentido: “interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto” (RICOEUR, 1988: 121).

Logo, a Hermenêutica que se pensa é uma busca pela interpretação, pelo dizer o que ainda não foi dito e que existe em um evento, no texto ou no próprio existir. É uma forma de trazer às claras sentidos possíveis e torná-los conscientes, porque houve uma reflexão sobre eles.

Em outra obra, Ricoeur (1988), define interpretação, como o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido presente. Para ele, o domínio hermenêutico é o da interpretação simbólica. O símbolo se refere à dupla intencionalidade da linguagem e, assim, o texto pode ser analisado a partir de qualquer ângulo, mas dificilmente por todos os ângulos ao mesmo tempo. Isto define a diferença entre as interpretações: cada leitor interpreta com base em um dos ângulos,



Sirlene Cristófano

definindo sentidos que dependem deste ponto de vista e da leitura.

O termo *compreensão* por muitos autores é utilizado como sinônimo de interpretação. Para Ricoeur, explicação e compreensão não constituem os pólos de uma relação de exclusão, mas os momentos relativos de um processo complexo: a interpretação, para ele,

A questão entre explicar e compreender é, inicialmente, a de saber se as ciências, quer se trate de ciências da natureza ou de ciências do homem, constituem um conjunto contínuo, homogêneo e, finalmente, unitário, ou se entre as ciências da natureza e as ciências do homem, é preciso restabelecer uma ruptura epistemológica (RICOEUR, 1988: 163).

No entanto, são encontradas algumas diferenças. Há autores defensores da idéia de que a interpretação é precedida pela compreensão. A compreensão é o estabelecimento de sentidos em acordo com as referências que o leitor já possui e a interpretação é o trabalho de caráter analítico e reflexivo que o leitor realiza com estes sentidos. Portanto, compreensão define como um processo de relação entre o que se lê e o que se ouve e como é lido e ouvido: uma relação entre o discurso e o contexto, entre a propriedade do discurso e o fundamento que os leitores atribuem ao discurso.

Para Schleiermacher, a compreensão é voltar a experimentar o processo de construção do texto na perspectiva do autor e tem como pilar o que ele chama de círculo hermenêutico. O autor é o protagonista de uma atitude linguística em acordo com um tempo, uma percepção que é alheia, podemos significá-la, mas nunca reconstituí-la. “A tarefa da Hermenêutica é essencialmente a de compreender o texto, não o autor” (SCHLEIERMACHER, 1999: 220).

Não importa o que o autor queria afirmar, mas o que se pode afirmar sobre o dito do autor.

A postura de Dilthey é mais aproximada a Schleiermacher: A compreensão não é um mero ato do pensamento, mas uma transposição e uma nova experiência do mundo tal como o captamos na experiência vivida, ou seja, “chamamos compreensão ao processo pelo qual manifestações sensíveis dadas revelam-nos a vida psíquica mesma” (DILTHEY, 1947: 333). Para ele, o homem é um ser histórico. Por sua historicidade e pela convivência consegue atribuir sentido. Nesta perspectiva, é preciso ver o sentido como parte de um contexto histórico. Faz-se necessário que o leitor associe seu conhecimento prévio aos sentidos que atribuiu, ao que lê, às metáforas que interpreta. Lendo, refletindo e dialogando sobre e com o texto, é possível reescrevê-lo, tornando-o significativo, em acordo com a historicidade e a vida de quem lê.

Heidegger apresenta uma visão diferente de compreensão: só existiria compreensão em acordo com o colocar-se no mundo do intérprete pois “A compreensão é a base de toda a interpretação e está presente em todo o ato de interpretação” (HEIDEGGER, 1988: 314).

Para Gadamer, o ideal de compreensão seria não interrogar o texto, apontando-lhe questões que possam ser respondidas por seu conteúdo, mas interrogar o próprio leitor, levando a compreendê-lo e a compreender o que lê, em um processo interdependente. A compreensão da arte, por exemplo, não advém de a dividirmos metodicamente como se fosse um objeto, mas sim por meio de uma abertura ao ser.

Toda interpretação deve, então, ter uma aplicação no presente, ser referida por ele, trazendo algo de nossa tradição histórica para,



A hermenêutica como perspectiva metodológica para a leitura, análise e compreensão da literatura infantil e juvenil

assim, contribuir na construção do nosso presente.

Neste sentido, é preciso considerar o valor da metáfora no processo de compreensão. A metáfora é um elemento fundante do significado do texto literário. Uma metáfora diz algo de novo acerca da realidade e é um elemento a ser analisado na busca de um sentido, que só existe em acordo com a leitura que se faz. Uma das questões que se impõe é a relação imediata entre o ler e o buscar sentidos, surgindo assim, indagações sobre o que seria estabelecer sentidos.

Deleuze (1998) que trabalha a idéia de sentido a partir da obra de Lewis Carol, *Alice no País das Maravilhas*, tece considerações sobre uma possível teoria do sentido. Sentido seria o expresso da proposição, a linguagem em ação ao representar o real. Para Deleuze, o sentido é um elemento que só ocorre na linguagem e pela linguagem. O sentido é um elemento que integra a linguagem, enquanto representação e referência a um objeto. Ressalta-se que o sentido pode ser estabelecido só a partir do relacionamento do objeto com um elemento que já está dentro de nós e “para falar o sentido de uma palavra (a), não temos saída senão usar outra palavra (b). Porém, para explicar o sentido da palavra (b), precisamos dispor de uma outra palavra (c), e assim numa regressão indefinida uma idéia adquirida a partir de experiência” (Deleuze, 1998: 31). Ao ler, o leitor elabora um sentido tendo como processo relacionar significações já elaboradas, suas vivências em grupo, sua história de leituras, que acontecem de maneira diferente para pessoas diferentes. Faz-se ressaltar o papel do conhecimento prévio na antecipação do que a leitura pode oferecer.

Literatura: A janela do mundo

Ao refletirmos sobre a compreensão e

interpretação de textos literários – a questão hermenêutica – é importante também levantarmos algumas questões sobre a importância da Literatura Infantil e do trabalho desenvolvido com este tipo de literatura na escola. O professor precisa se tornar um poliglota, ou seja, conhecedor das várias modalidades de linguagem, pois, segundo Proença Filho, “a literatura é uma forma de linguagem que tem uma língua como suporte. O texto literário veicula uma forma específica de comunicação que evidencia um uso especial do discurso, colocado a serviço da criação artística reveladora” (PROENÇA FILHO, 2000: 28).

Ao falarmos em Literatura Infantil temos que levar em conta que Literatura, sendo qualquer forma de expressão – Mitos, Estórias, Contos, Poesias – é uma das mais nobres conquistas da humanidade e, segundo Bárbara Vasconcelos de Carvalho, “a Literatura é conhecer, transmitir e comunicar a aventura de ser” (CARVALHO, 1982: 9). Para a autora, é a Literatura Infantil que vai criar esta disponibilidade, porque ela é que é a básica e desta vêm todas, ou seja, todas as Literaturas nascem da poesia e dos seus muitos sentidos e símbolos.

A Literatura Infantil encontra problemas em relação à definição exata de seu público alvo e em relação a sua comercialização. Marisa Lajolo (1999) ressaltava o aumento da aquisição do livro didático - neles contidos os textos literários - e isso é resultado do fato desse material possuir as aulas preparadas, com exercícios a serem aplicados e suas respectivas respostas para o professor. Tirando assim, o trabalho e a responsabilidade da mão do educador. Ao falarmos da importância da Literatura Infantil, temos como modelo as obras de Monteiro Lobato. A partir da produção deste autor, o Brasil começa a aprender a *ler e escrever*; os livros começam a ser espalhados *a mão cheia*. Para um homem que amava a liberdade, essa tinha que ser a primeira provi-

Sirlene Cristófano

dência para tornar livre um povo. Ele semeou uma semente que não morre e descobriu a sua responsabilidade (influência do que escrevia).

Lobato foi o primeiro autor brasileiro a tratar as crianças como seres pensantes, capazes de ponderar sobre *sérios assuntos*. Quebrou certos valores tradicionais bitoladores, e da encenação de que sempre se utilizaram outros autores à que escreviam para crianças, assim, as modelando para uma sociedade artificial, num relacionamento falso e superficial. Depois dele, vieram muitos outros, mas Lobato foi um marco na Literatura Infantil, que pode ser classificada em Literatura Infanto-juvenil antes e depois de Lobato, pois ele criou uma literatura infanto-juvenil. Ele criou uma literatura nacional; enquanto dava ao mundo uma nova Literatura. Este tipo de literatura, voltada para o leitor mirim, é rico material para o educador que, proporciona às crianças a possibilidade de dele rever esta redação extrair momentos de prazer, autoconhecimento e descoberta do mundo. O lugar da literatura na educação é o de proporcionar o enriquecimento do universo interior do educando e também o alargamento de suas vivências e de seus conhecimentos.

Porém, toda leitura, em especial a leitura de literatura infantil, depende do despertar da curiosidade, das descobertas, do prazer, da imaginação e do encantamento obtido através deste *brincar com a obra*. Logo, a contemplação da leitura resulta da satisfação em desvendá-la, interpretá-la, transportá-la para a vivência do leitor. O leitor necessita se identificar, envolver-se e interagir com a obra.

De acordo com Paul Ricoeur, o leitor, para obter a descoberta e prazer da leitura, necessita interpretá-la. Assim, é através da hermenêutica estudada e defendida pelo filósofo Paul Ricoeur, que a leitura da Literatura Infantil deve ser submetida pela criança leitora e também pela literalidade da obra, proporcionando

portanto, a sua participação no momento da leitura. E, por meio das noções do existencialismo, da fenomenologia, do estruturalismo e da psicanálise, Ricoeur defende o texto literário como o percurso ideal para a busca pela interiorização humana e verdades individuais através da interpretação. Para tal, há a necessidade no primeiro momento da leitura, da compreensão da obra pelo leitor, pois como nos afirma Ricoeur (1976), compreender não passa de uma conjectura. Segundo o filósofo, no ato de ler, será desvendado um tipo de uniteralidade, o qual fundamenta o carácter conjectural inicial da interpretação.

Compreender o texto depende da condição de distanciamento entre literatura e leitor para começar o processo hermenêutico. Especificamente no caso da literatura infantil, esta condição é agravada pela distância natural existente entre o autor e o leitor, por se tratar de dois universos diferentes: adulto e criança. É necessário que o autor (adulto) ofereça ao seu leitor (criança) um texto adequado ao universo infantil, adaptada ao seu processamento cognitivo, despertando o interesse pela leitura. Assim, o autor vai proporcionar ao leitor o avanço da leitura, permitindo a compreensão, como indica Paul Ricoeur. No segundo momento, o leitor atinge a interpretação da obra enquanto discurso aplicado na escrita, pois se depara com situações novas, construídas a partir de várias autonomias que o motivam à reflexão que extrapola a literalidade e os fatos, proporcionando a resolução de seus conflitos interiores.

Após essa possibilidade de autoconhecimento e conhecimento do mundo proporcionado pela literatura, o leitor se encontra no último momento do ato da leitura, que segundo Paul Ricoeur acontece por meio da interpretação enquanto pós-compreensão, que é a tarefa de “recontextualizar a obra literária” e finalmente apropriar-se dela.



A hermenêutica como perspectiva metodológica para a leitura, análise e compreensão da literatura infantil e juvenil

O papel do educador, diante da grande tarefa de formar pequenos leitores, recai, então, sobre o dever de motivar e envolver o leitor mirim com obras infantis literárias, que sejam emancipatórias, proporcionando-lhe o contato com vários mundos possíveis. Por meio da compreensão da história, fatos inéditos, mas que correspondam ao interesse da criança, são por esta interpretados e absorvidos pelo seu universo infantil. Por meio do lúdico e do imaginário, estimulados pelo professor através da leitura realizada em sala de aula, acontece tal interesse por parte do educando. Logo, o incentivo à leitura acompanhada de descoberta, prazer, de interação e envolvimento, passa a deixar de ser visto como um dever, uma obrigação.

A hermenêutica de Paul Ricoeur ligada ao ludismo e ao imaginário infantil mescla fantasia e realidade, de maneira que o leitor possa descobrir sua própria identidade, desenvolvendo seu intelecto, a sua criatividade e a sua capacidade de expressão dos sentimentos.

CONCLUSÃO

Considerando alguns estudiosos na área da hermenêutica, pode-se chegar a algumas concepções sobre sentido, que é definido por Ricoeur como “sinônimo de significação”, o processo constante de atualização do discurso. O sentido esconde-se sob as palavras e a partir do desvelamento percebe-se a realidade. Esta é a função da Hermenêutica para Ricoeur: interpretar, atribuir significância a um sentido proposto e através da linguagem. O sentido se produz em acordo com o trabalho do leitor através da leitura de textos literários.

A leitura transcorre em meio à busca pelo sentido, ou seja, ler é a busca do sentido, é “entrar” no texto, percorrê-lo em seu amaranhado tendo como guia, um método composto por significados já estabelecidos, suas vivên-

cias, historicidade, leituras já realizadas, gostos e convenções. O texto pode ser analisado a partir de qualquer ângulo, mas dificilmente por todos os ângulos, ao mesmo tempo. Isto define a diferença entre as interpretações: cada leitor interpreta com base em um dos ângulos, definindo sentidos que dependem deste ponto de vista e da leitura.

A compreensão vem através de uma abertura ao ser, vem no ouvir da questão que a obra nos coloca. Toda interpretação deve ter uma aplicação no presente, ser referida por ele, trazendo algo de nossa tradição histórica para contribuir na construção do nosso presente. Neste sentido, a metáfora é um elemento fundante do significado do texto literário. Uma metáfora diz algo de novo acerca da realidade e é um elemento a ser analisado na busca de um sentido, o qual se produz em acordo com o trabalho do leitor, no caso de leitura de textos literários. A leitura transcorre em meio a busca pelo sentido, ler é busca do sentido, é entrar no texto, percorrê-lo em seu emaranhado tendo como guia um método composto por significados já estabelecidos, vivências, historicidade, leituras já realizadas, gosto, convenções.

Na Literatura Infantil, portanto como em qualquer outra Literatura, o que importa é aquilo que o leitor sente e imagina. Tudo pode acontecer dentro de nós, de nosso mundo, sem limites de tempo nem de espaço. Assim é a criança e por isso está no momento de sintonizar com a arte literária, com a fantasia da imaginação no realismo dos símbolos e das alegorias. É no seu encontro com os textos literários, que ela adquire a consciência de que a Literatura é síntese de seus conhecimentos, a descoberta do mundo...

Ler e interpretar uma obra literária dá a oportunidade, a abertura de um mundo único, singular pronto para interagir com o mundo do leitor. Para Paul Ricoeur, o confronto dos



Sirlene Cristófano

vários mundos com o mundo do leitor, a obra literária ganha a verdadeira significação da realidade da vida do leitor. Através do real e da ficção, o leitor projeta-se na narrativa que, segundo Ricoeur é a resposta de uma transcendência imanente ao texto, que só se concretiza mediante a o ato da leitura. Dessa forma, o leitor se lê no texto e não apenas o lê.

REFERÊNCIAS:

BOUDON, R. “Explication, Interpretation, Idéologie”. In: *Encyclopédie Philosophique Universelle*. Vol I: *L’Univers Philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

CARVALHO, B. V. *Literatura Infantil*. São Paulo: Ed.Lotus, 1982.

DELEUZE, Gilles. [1969]. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DILTHEY, W. G. “Origines et développement de l’herméneutique”. In: *Le monde de l’esprit*. Tome Premier. Paris: Aubier Editions Montaigne, 1947.

GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und Methode (Gesammelte Werke, Bd. I)*, Tübingen: J. C.B. Mohr, 1999.



A hermenêutica como perspectiva metodológica para a leitura, análise e compreensão da literatura infantil e juvenil

HEIDEGGER, M. *L'être et le temps*. Trad. R. Boehm e A. de Waelhens. Paris: Gallimard, 1964.

_____. “Sobre a Essência do Fundamento”. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1966.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 4 ed., São Paulo: Ática, 1999.

PALMER, R. *Hermenêutica*. Edições 70. Lisboa: Portugal, 1969.

PROENÇA FILHO, D. *A Linguagem literária*. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 2000.

RICOUER, P. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

_____. “Le Discours de l’Action”, In: TIFFENEAU, Dorian (org.). *La Sémantique de l’Action*. Paris: CNRS, 1977.

_____. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: 70, 1976.

SCHLEIERMACHER F. D. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

STEIN E. *Aproximação sobre Hermenêutica*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

(Artigo recebido em 28 de janeiro de 2011 e aprovado para publicação em 10 de fevereiro de 2011.)